

## Uma freguezia

Consinta a gentilissima leitora que eu lhe conte um caso que vi com estes olhos que a terra ha de comer. Foi n'uma casa de modas da rua do Ouvidor, uma casa que não é a *Notre-Dame*, mesmo porque neste monumental estabelecimento não entram pobretões da minha laia. Foi em uma outra casa cujo nome não menciono, para não offender susceptibilidades muito respeitaveis. Eu entrei para comprar já não sei o que, como não tinha o que fazer, coisa que me acontece sete vezes na semana, cada dia uma vez, fiquei a apreciar quem entrava e quem sabia para matar o tempo que eu costume matar das 9 da manhã, hora em que deixo minha molesta cama de ferro de rapaz incorregivel até ás 3 da madrugada, hora em que tenho por habito recolher-me á casa, quando não tenho a fantasia de ver raiar a aurora, um espectáculo velho, como o mundo e novo como a minha gentil leitora.

Matava por tanto o tempo, crime que não foi previsto no nosso codigo penal decretado pelo Sr. Campos Salles, na casa supra mencionada, quando entrou uma senhora, gorda, de meia idade, dos 40 aos 45, nem bonita, nem feia, suarenta, trajando saia escura e corpinho de velludo azul.

Esta senhora entrou, como uma bomba, no armarinho, agitando muito o leque e soprando como um folle.

Sentou-se, ou mais propriamente, abateu-se sobre uma cadeira que protestou, gemendo contra a carga immensa que a obrigavam a supportar.

Depois de sentada, agitou ainda o leque por mais uns tres minutos, fechou-o com um movimento brusco, atirou-o sobre o balcão, forrado de tapete, soprou mais algumas vezes e murmurou estendendo a mão, vestida de luva amarella:

— Sr. Alvaro, como tem passado? Faz favor de um copo d'agua?

— Com todo o prazer minha senhora, murmurou o empregado sorrindo, um empregado dos seus vinte e dois annos, muito cheiroso e de bigodinho retorcido.

Veio o copo d'agua, momentos depois.

— Estou tão suada, disse ella tomando o copo que deixou em cima do balcão; não acha que devo descançar um pouco?

— A' vontade, minha senhora, respondeu o caixeiro, sempre a sorrir.

Era o seu costume.

— O senhor não imagina d'onde eu vim. Estive em Botafogo e depois fui á Praia Formosa, visitar, uma amiga que está muito doente

— Caminhou muito, não tem duvida.

— E com este sol! Que supplicio! Chego á Praia Formosa e não encontro a minha amiga; tinha-se mudado para Santa Theresa, a conselho dos medicos. Calcule o senhor que desapontamento! Fui a Santa Theresa... eu sou assim, se não pudesse vel-a, ficaria doente.

— E vio-a?

— Qual o que! não acertei com a casa, deram-me uma indicação falsa.

— Andei, como uma endemoniada... nada.

A rua era... ora faça o favor de me dizer que rua é aquella que começa logo na estação, quando a gente salta do plano... uma rua larga...

Neste momento ouviu-se a vez grossa do primeiro caixeiro:

— Sr. Alvaro, que é das fitas que lhe mandei buscar?

— Estão aqui, Sr. Azevedo, é um instante.

E voltando-se para a senhora gorda:

— Minha senhora, com sua licença, eu volto já, deixe-me despachar aquella freguezia que é muito catete.

E partiu, a correr, sobraçando uma grande caixa que tinha descido, momentos antes, pelo elevador do segundo andar.

Alguns minutos depois voltou.

— Agora, minha senhora tenha, a bondade de me dizer o que deseja.

— Sim, senhor, é já.

Como eu ia dizendo: que nome tem o diabo d'aquella rua que começa logo quando a gente salta do plano?

O caixeiro levou a mão á cabeça, fingindo procurar lembrar-se de uma coisa de que com certeza não tinha conhecimento e acabou, confessando:

— Com franqueza, não me recordo. Ha tanto tempo que não vou á Santa Thereza.

— Bem; deixemos isso; tomei pela tal rua, dobrei uma esquina que me haviam indicado e procurei o n. 69. Era uma casa alta, muito bonita, muito cheia de bordados, e bati. Veiu ao meu encontro um grande cão, todo preto, que começou a latir furiosamente. Por precaução tratei de examinar se o portão estava bem fechado. Nada, isso de dentadas de cão é um perigo; olhe, eu tive um tio que foi mordido e que...

Ouviu-se de novo a voz do primeiro caixeiro:

— Então, Sr. Alvaro, já trouxe as linhas que lhe mandei buscar?

— Estão aqui, Sr. Azevedo.

— Faça favor de trazel-as, que o freguez está á espera ha duas horas.

O caixeiro tornou a correr, carregando desta vez um pacote de linhas.

Voltou e a tal senhora proseguiu:

— Este meu tio, como eu ia dizendo, foi mordido por um cão e quasi morre, por t'er julgado que o cão estivesse damnado. Felizmente não morreu... tambem, com o tratamento que teve, imagine o senhor: nada menos de tres medicos á cabeceira...

— Minha senhora, interrompeu o tal Sr. Alvaro, tomo a liberdade de observar-lhe que ainda não tomou o seu copo d'agua.

— Ah! é verdade; tem toda a razão. Agora estou mais descançada, não acha?

— Perfeitamente.

E a senhora gorda engoliu o liquido, collocando por baixo da boca um lençinho de crochet, já todo molhado de suor.

Depois:

— Calcule o senhor com que susto eu fiquei. Felizmente appareceu uma creada ou coisa que o valha que gritou! Turco! oh! Turco!

O cachorro obedeceu e pude então perguntar por ella; não morava lá e ninguem sabia onde parava e nem se quer a conheciam.

Voltei desesperada e vim depois fazer algumas compras.

— Cá estou ás suas ordens, disse o Alvaro, que mentalmente mandava ás favas a sua ultra-importuna freguezia.

A senhora agitou o leque ainda alguns minutos, soprou de novo e em seguida perguntou:

— O senhor tem papel de seda bom?

— Tenho, sim, minha senhora.

— Dê-me duas folhas.

O caixeiro partiu a correr e voltou depois trazendo um grande rolo de papel de muitas côres.

A tal senhora começou logo a analysar o papel, folha por folha.

Encontrára o côr de rosa.

Mirou-o, remirou-o, levantou-se, foi até a porta, collocou-o contra a luz, bateu, passou a mão por cima, cheirou-o, acabou dizendo:

— Não me serve, Sr. Alvaro. Quero um côr de rosa mais desmaiado.

— Só tenho deste, minha senhora.

— Ora, veja o senhor. Deixei de comprar na casa do Sr. Veiga para vir aqui. Emfim, como não quero que me chame de importuna, tenha a bondade de me dar as duas folhas, quanto é?

— So réis.

— A senhora gorda tirou uma carteirinha do bolso, escolheu um nickel de 100 rs. e disse, atirando-o sobre o balcão:

— Pague-se. Olhe que se compro é em attenção ao senhor.

— Muito obrigado, minha senhora.

— E' isso mesmo, acredite. Agora faça o favor de me vêr agulhas; olhe, quero finas e grossas.

— E' n'um pulo.

E o martyr do Sr. Alvaro partiu, como um fuso, voltando depois com outra caixa de menores dimensões.

A senhora abriu a caixa, desembrolhou alguns pacotes de agulha e começou a examina-los, um por

um: esta é muito fina, esta é muito grossa; isso aqui quebra-se, como vidro. Na casa do Sr. Veiga eu teria logo o que desejo. E' isso; a gente escolhe uma casa qualquer e não nos attendem. As agulhas não servem. Sabe? Traga outras.

— Só temos disso, minha senhora.

— Ora! Não valia a pena incommodar-me. Devia ir-me embora. Emfim, traga-me fitas de seda; quero da largura de uma pollegada.

— Que côr?

— Azul; na minha sala é tudo azul, tapetes, espelho, enfeites, tudo.

O Alvaro correu ainda uma vez ao interior do armarinho e tornou com outra caixa: havia fitas de todos os tamanhos e de todas as qualidades; desde o preto côr de azeviche, até o branco alvissimo; as peças estavam arrumadinhas, direitas, cada côr no seu lugar.

A senhora gorda enterrou a mão na caixa e logo da primeira investida revolveu tudo, remexeu tudo de *fond en comble*.

O pobre do Alvaro que tinha de pôr aquella multidão de tiras todas no seu canto, logo á noite quando se fechassem as portas, começou a suar suores frios. Uma verdadeira devastação; mas não disse nada, limitando-se a sorrir e até a auxiliar a arrufada freguezia a procurar a tal fita azul que ella pedira. Neste trabalho de pesquisa gastaram, sem exaggeração alguma, muito mais de meia hora, ella bufando, e agitando o leque de vez em quando; elle curvado sobre o balcão, muito attentioso, muito delicado, para não desgostal-a.

Um supplicio inenarravel!

Afinal a senhora gorda levantou a cabeça, fitou o pobre Alvaro que suava por quantos póros tinha, e disse, muito aborrecida e com maus modos!

— Não ha do que eu quero.

— E esta, minha senhora?

— E' muito clara.

— Esta outra!

— Muito escura.

O Alvaro já não podia. A caixa estava que era uma casa de Orates: as fitas não se entendiam, tal era a confusão que reinava entre todas.

Um homem afinal, por melhor que seja, não tem paciencia de Job e acaba por zangar-se, mesmo por que não está provado com documentos authenticos que o biblico Job não acabasse por se amofinar um dia, com a série de amolações que o obrigaram a soffrer. Foi por isso que o Alvaro já tendo perdido duas longas horas com a sua freguezia, resolveu-se a tomar um partido ou uma resolução e disse um tanto amolado:

— Só temos isso, minha senhora; se não quer, paciencia; que quer que lhe faça?

— Como é isso? perguntou a senhora gorda, voltando-se vivamente para o caixeiro.

— E' só o que ha, já disse.

Nisto a freguezia levantou-se, abanou-se violentamente com o leque, bufou duas ou tres vezes e acabou por dizer em voz alta, tão alta que chamou a attenção de todos os presentes:

— O senhor é um malcreado! O senhor é um insolente! Quem é aqui o dono da casa?

O primeiro caixeiro aproximou-se immediatamente:

— Que é isso, minha senhora?

— E' este senhor, seu empregado, que não tomou chá em creança e que não sabe tratar com uma dama. Pedi-lhe fitas e como me demorasse um pouco em examinal-as, respondeu-me grosseiramente. Já vio?

O pobre do Alvaro tentou justificar-se; mas o outro não lhe deu tempo.

— Não me servem empregados que não sabem tratar com os freguezes, entende?

— Mas, Sr. Azevedo...

— Já lhe disse.

A senhora gorda já tinha sahido, agitando o leque e sem cumprimentar nem se quer o primeiro caixeiro que despedira o outro por sua causa.

Em conclusão: o pobre do Alvaro foi despedido, ficou sem emprego, por ter aturado por mais de duas horas uma freguezia que apenas deu de lucro á casa 80 rs. de duas folhas de papel de seda.

Não acha a leitora que freguezas desta ordem não servem, e que podem facilmente fazer um homem endouecer?

OLIVEIRA E SILVA.

### Malgré tout...

Debalde faço empenho de esquecer-te,  
Debalde faço juras de deixar-te :  
O mesmo esforço até para odiar-te,  
Me faz, mau grado meu, sempre querer-te.

Debalde faço timbre de não ver-te  
E tenho o louco intento de evitar-te;  
O coração valente para amar-te,  
E' fraco quando trata de esquecer-te.

O teu desprezo até já me consola...  
Recebo os teus desdens como uma esmola,  
O mal que vem de ti como ventura.

Como prova de affecto os teus rigores...  
Contente por viver das proprias dores.  
Meu triste coração já não murmura.

### O suicidio de miss Salton

A leitura da carta impressionou vivamente a inglesa.

Sempre lhe apparecera um homem de coragem, um homem que não recuava deante da morte e que levava a gentileza ao ponto de se offerecer para companheiro de uma dama, na ultima e suprema jornada.

Apezar de inglesa era mulhier e como tal, possuia em elevado grau o sentimento da curiosidade.

Deitou-se de novo, mas aquelle Julio, modesto, que lhe estrevera, apparecia-lhe deante dos olhos, grande, gigantesco, como um heroe. Devia ser por força um bonito rapaz, de vinte e poucos annos de idade, pallido, sonhador e triste. Phantasiava-o meditativo, desgostoso de tudo e de todos, ambicionando, só, a morte como um lenitivo a todos os males que a affligiam.

Não lhe foi possível conciliar o somno.

Quando a aurora ensanguentou-se com os primeiros raios do sol, pulou da cama e vestiu-se com um esmero de que ella pro, ria se sentia admirada. Nunca puzera tanto cuidado na *toilette*; nunca lhe merecera o cabell) tamanha somma de atenções. Não sabia explicar a razão porque se consagrava assim a minudencias que lhe pareciam verdadeiras futilidades.

Como mulhier, sempre pensou que o exagero das modas era o indicio mais irrecusavel de um espirito fraco, incapaz de qualquer cousa seria

Naquella manhã, porém, appareceram-lhe de subito os seus instinctos de *coquetterie* e sem saber como, depois de vestida e penteada, não ficou muito satisfeita.

Começou por implicar com as olheiras que lhe sombreavam os grandes olhos azues, dando á phisionomia um todo de abatimento que não combinava absolutamente com o vestido claro que escolhera para o seu funebre e matutino passeio. Chegou mesmo a tentar de farçar com carmim a pallidez das faces; este recurso porém se lhe affigurou tão ridiculo que não pensou nelle sequer um minuto. Em todo o caso mirou-se e remirou-se diversas vezes, deante do seu bonito espelho de crystal. Poz na cabeça uma flor que não lhe ia nada mal e chamou o hoteleiro.

Este veio immediatamente.

— Que ordena? perguntou, curvando-se como sempre fazia deante de sua estimavel hospede, a mais estimavel de suas hospedes.

— Preparou o que pe li?

— Sim, senhora.

— Onde esta?

— Lá na sala de jantar

— Bem, faça o favor de acrescentar mais algumas garrafas de cerveja, um pouco mais de carne fria, champagne, algumas garrafas, vinho do Porto, biscoitos e rhum.

O hoteleiro abriu desmesuradamente os olhos.

Aquillo já não era um farnel, era uma verdadeira dispensa; para que diabo quereria a sua hospede tanta couza, quando de ordinario se limitava á terça-parte do que pe lira.

E tal foi o seu espanto, que levou algum tempo sem se lembrar de cumprir as ordens recebidas, parado, como uma estatua deante da porta da inglesa.

Esta gostava de ser attendida, logo que dava uma ordem e, impaciente gritou :

— Então, não ouviu?

— Ouvi, sim, senhora. Trago já tudo quanto me pediu.

Meia hora depois voltava e disse :

— Está tudo prompto!

— Quanto lhe devo?

— Ora! para que pensar nisso agora? Fallaremos mais tarde; entre nós não ha duvidas.

— Tenha a bondade de tirar a conta!

— Mas, madama...

— Já lhe disse que quero a conta, que teimosia? A conta de tudo quanto lhe devo, percebe? O aluguel do quarto, a pensão, tudo.

O hoteleiro sentio um calefrio percorrer-lhe a espinha dorsal e tremeu da cabeça aos pés.

Semilhante disposição importava nada mais, nada menos do que a retirada de miss. Salton de sua casa de pensão e isso era para elle uma verdadeira calamidade. Freguezia daquella especie não se encontra em abundancia.

— Quer deixar-nos? perguntou elle, timidamente.

— Isso não é de sua conta.

— Mas... está desgostosa connosco?

— Não, senhor.

— Algum creado deixou de cumprir as suas ordens?

— Nada disso.

— Quer mudar de quarto, porque este talvez não lhe agrade? Tenho um muito bom com vista para a mar; é uma sala, muito grande e muito arejada. Quatro janellas de frente; mobilia, cama, tudo. Por ser para a senhora, fica por 100\$000; olhe, outra pessoa qualquer não ficaria com elle por menos de 150\$

Foi onde morou aquelle dezembargador de São Paulo, que ja se foi embora sabe?

— Não quero quarto, não quero coisa alguma; quero a conta e sem demora que tenho pressa.

O pobre homem compreiendeu pela entonação de voz de miss. Salton que esta não estava disposta a conversas, baixou a cabeça e retirou-se.

A conta andava por 455.000, um tanto salgadita; mas como era a ultima, não fazia mal nenhum em ser um pouco mais puxadinha.

A inglesa olhou para o papel que o hoteleiro lhe apresentou, com um ar de profundo desprezo, tirou do bolso do vestido uma elegante carteirinha de couro da Russia, saccou duas notas de 200, e uma de 100 e atirou-as ao homem. Este apanhou o dinheiro no ar e foi fazer o trôco que entregou, fazendo novas curvaturas de dorsal.

Miss Salton metteu o trôco na carteira, sem contal-o e ordenou:

— Mande um carregador levar tudo á estação da estrada de ferro do Corcovado.

O hoteleiro inclinou-se e sahio.

— Muito bem, murmurou consigo mesma a loura e excentrica rapariga, vamos ao nosso fim.

Manda a verdade que se diga que naquelle momento ella não pensava no suicidio: o nome de Julio dançava-lhe no cerebro, preoccupando-o inteiramente. Sentia uma vontade immensa de conhecer este mysterioso individuo que tão expontaneamente se lhe apresentara para ser seu companheiro, na tragedia que planejava.

Seria elle um velho?

Esta ideia não deixava de importunal-a.

Não, não é possível, reflectia ella; os velhos são muito egoistas e têm quasi todos muito amor á vida. Só um joven é capaz de semelhante rasgo de coragem.

E meio tranquilizada com este raciocinio, sentou-se á espera do hoteleiro. Este voltou e disse :

— Já mandei tudo.

— Muito bem; agora tenha a bondade de pôr estas cartas no correio; mas só á noite, comprehende?

E apontou para uma mezinha de mogno, onde se viam algumas cartas, uma dellas bastante volumosa.

— Esta maior, o senhor terá a bondade de levar ao Juiz da Provedoria, á rua da Constituição, comprehende? Não se esqueça das minhas ordens.

O hoteleiro, não comprehendia absolutamente nada do que se passava; mas ao ouvir fallar no Juiz da Provedoria e vendo o volume da carta que lhe mandaram entregar, percebeu que se tratava de um testamento e não pôde se conter :

— Madama, que vae fazer? perguntou elle, com voz supplice.

— Obedeça, gritou ella.

— Madama...

— Nem mais uma palavra, ou faço saltar-lhe os miolhos.

E apontou tranquillamente o cano de um bonito revolver americano á cabeça do pobre homem.

Não havia melhor meio de se convencer um teimoso.

O hoteleiro tomou as cartas de sobre a mesa, recebeu o dinheiro para a despeza e sahio.

Uma hora depois, Miss Salton subia a serra do Corcovado.

(Continúa.)

### FESTAS E SARAUS

Rio, 20 de Fevereiro de 1891.

Não ha mesmo coisa alguma para dizer as leit ras, desta quinzena murcha que passou.

Calor, calor, sempre calor!!!

Por mais instinctos choreographicos que tenha uma pessoa, é sempre um sacrificio dançar se com uma temperatura que teima em se manter a 35°.

D'ahi para baixo nada.

E' bem possível que, quando estas linhas chegarem ás mãos das nossas assignantes, já o ceu nos haja mimoseado com diversas cargas d'agua, o que será uma delicia. Até hoje nada.

O nosso collega Olival que é doído pela walsa, tem-se conservado de uma abstinencia feroz nestes ultimos tempos.

Interrogado a respeito, responde invariavelmente:

— Qual, filho! Um homem que dança nesse tempo é não so imprudente, como sujo: imprudente, porque pôde debilitar-se inutilmente; sujo, porque, depois ua mais suave *mazurka* tem de ficar por força, com a roupa branca, como uma papa e nunca se está bem assim em um salão.

Como o Olival, pensa muita gente e é por isso que os bailes têm rareado, concentrando-se a vida elegante em Petropolis, onde apenas se dão ligeiras soirées familiares.

Felizes os que moram em Petropolis! Estão á vres dos 35 e tantos de calor.

### A pesca d'agua doce

Tem-se imaginado muitos modos de obter agua doce; nenhum é mais original do que aquelle de que se servem os moradores da ilha Bahrein, no golfo Persico. Nesta ilha a temperatura é torrida, nunca chove e nem existem poços ou cisternas. E' preciso entretanto que a população, bastante numerosa, não morra de sede. Mas onde encontrar agua?

No fundo do mar, a cem metros da praia e a uns quinze metros de profundidade, jorra uma fonte d'agua doce cujo redomoinho vê se perfeitamente na superficie do mar. Um certo numero de mergulhadores tem, como meio de vida, tirar agua desta fonte, no ponto mesmo da emergencia.

Um bote bem equipado estaciona por cima do lugar onde tem de haver o mergulho, um homem atira-se á agua levando na mão esquerda um grande our de pelle de cabra e na direita uma corda a que está ligada uma pedra. A pedra serve de peso e o homem vae ao fundo; abre o odre justamente no lugar do jacto, fecha-o hermeticamente, apenas o enche, tudo isso em poucos segundos; impellido pela propria força d'agua que sae em jorro, volta á superficie. O conteúdo do odre é derramado em uma pipa amarrada no bote. E' preciso recommear a operação. Um outro mergulhador apodera-se da corda e da pedra, deixa-se cahir e enche o odre e assim successivamente até que a pipa fique cheia. E' preciso muita destreza para saber collocar o odre, no meio do jacto, além de evitar a invasão d'agua salgada. Este processo nada tem de scientifico; mas esta maneira de pescar *agua doce* em agua salgada não deixa de ser muito curiosa.

Felizmente os mergulhadores nunca fazem greve na ilha de Bahrein. Se fizessem...

Uma historiasinha

I

Estivemos juntos n'uma festa em Villa Nova, ha... muitos annos: eu ainda era solteiro e agora já tambem sou pae.

Elle era mais velho do que eu, mas am bos folgazões. Elle tinha uma filhinha de doze annos para cima: menina e moça.

Menina e moça não é a transformação da lagarta em borboleta, é antes a da borboleta em lagarta: um anjo que desce para o martyrio!

Ella tinha um riso acreançado que provocava amor; um riso de innocencia que causa amor, porque amor quer passar por innocente. Eu era moço e gostei muito daquelle riso que voava para o céu: uma rosa orvalhada ao sol da manhã.

Dei-me muito com o pae: na quadrilha fomos vis-avis: elle dançou com a filha.

O pae fazia umas momices de creança e ella applaudia tudo quanto elle fazia, e ria-se muito, muito, sem tapar a bocca, deixando ver as gengivas rubras e

a linguinha pairada e tremula como si fallasse na risada.

Eu fiz todo o possivel para imitar o pae e creio que cheguei a fazer alguns passos de matachins tão bem como elle; a menina, pore, não me achava graça: andei por ali fazendo de palhaço que imita, sem vantagem, o acrobata que dança na corda bamba. E' que o riso da menina era apenas riso de filha.

Mas que riso doce, que riso sadio, que riso puro! nunca mais pude esquecer-o; parecia-me até que a lembrança tinha desprendido o riso e eu o via passar como rosas que voam.

II

Ainda agora vi o mesmo homem que esteve conmigo na festa de Villa Nova: é outro completamente: do chapéo acapellado e velho sahem as cans suadas, que se empastellam na testa rugada e escura como pellica velha e mal guardada; tem os labios molles da velhice desdentada; os perigalhos pendem-lhe em sanefas bamboleantes; do canto externo dos olhos acanhados sahe um punhado de rugas que o povilhéo chama — *pe de gallinha* —; o corpo curva-se pela sub-

missão forçada da fraqueza que olha para o pó.

Até aqui o facto era muito natural: o homem tinha envelhecido, talvez de mais; porém o que me surpreendeu é que elle trazia pela mão a mesma menina, que ainda não era moça, e sobre os labios da qual pairou aquelle riso que eu trazia na lembrança: aquelle riso era seu, borboleta da mocidade.

Fiquei suspenso!... Pensei:— E' que anjos não se prendem ao tempo; e o seu riso é immurchecivel!...

E deveria ser assim mesmo: o céu azul não devia acabar para as andorinhas; as flores não deviam acabar para as borboletas; a mocidade não devia acabar para as mulheres!

Oh! mas o riso daquella menina transportou-me: vi a sombra do relógio de Ezechias andar para atrás, e assim voltei á publicidade. Eu estava n'um baile; fazia gatimonthas de rapaz namorador; a menina ria-se muito, muito... com muita graça: um chuveiro de rosas que cantam e se desfolham! o pae... o pae? Era aquelle velho?...

Oh! só os paes envelhecem!

A menina e o velho lá vinham passo a passo: a menina rindo, distrahida, olhando para o ar, para o

A VERDADEIRA



**AGUA de BOTOT**  
É o unico Dentifricio  
Aprovado PELA  
ACADEMIA de MEDICINA  
de Paris

**PÓS DE BOTOT**  
Dentifricio com Quina

**PASTA DE BOTOT**

**VINAGRE DE TOUCADOR**  
(Superior)

**O SUBLIME**  
Paragem immediata da queda dos cabellos

PARIS, 17, Rue de la Paix.  
RIO DE JANEIRO: Em todas as principaes  
Drogarias, Perfumarias e Peluquarias.  
Escriv a Firma: *J. Botot*

**NINON DE LENCLOS**

escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4 Setembro, 51 à PARIS.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

**DUVET DE NINON**  
pó de arroz especial e refrigerante;

**L'Eau Capillaire de Ninon**  
que restitue aos cabellos brancos a cor primitiva;

**LAIT DE NINON**  
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.  
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

**LAIT MAMILLA**  
que avigora e embranquece o collo, dando-lhe os mais graciosos contornos; a

**SEVE SOURCILIERE**  
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar; a

**PÂTE PHILOMANE**  
que embranquece e amacia as mãos, preserva-as e livra-as das frieiras e asperezas, durante a estação fria, e substitue o sabão; o **COLO-CREAM DE NINON**, etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos  
os  
Perfumistas  
e  
Cabelleireiros  
de  
França  
e do  
extrangeiro

**VELOUTINE**

PÓ  
DE  
FLOR  
DE  
ARROZ  
especial  
PREPARADO  
COM BISMUTHO  
por  
**CH. FAY**  
Perfumista  
9, Rue de la Paix, 9  
PARIS



**OLEO de HOGG**  
de FIGADO FRESCO de BACALHAO  
NATURAL e MEDICINAL

Reccitado desde 40 ANNOS, em França, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Brazil, Republicas Hispano-Americanas, pelos primeiros medicos do mundo, contra as molestias do Ieito, Tósse, Criações franzinas, Tumores, Irrupções da Pelle, Pessoas fracas, Flôres-brancas, etc. O *Oleo de Bacalhão de HOGG* é o mais rico em *principios activos*. — Vendido somente em frascos TRIANGULARES. Exija no envoltorio o selo da Union des Fabricants.

Unico Proprietario: **HOGG**, 2, rue Castiglione, PARIS,  
E EM TODAS AS PHARMACIAS

**PILULAS DE BLANCARD**

APPROVADAS PELA  
ACADEMIA DE MEDICINA  
DE PARIS

Resumem todas as  
Propriedades  
do IODO  
e do FERRO.

40  
Rua Bonaparte  
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia*, *Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangue*.

**XAROPE DE DENTIÇÃO**  
do D<sup>or</sup> DELABARRÉ

Xarope sem narcotico recommendado ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Exija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz  
e em todas as pharmacias

**PAPEL E CIGARROS**  
**ANTI-ASTHMATICOS**  
de Bin BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 15 ANNOS DE SUCCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz  
e em todas as pharmacias.

**NUNCA APPLIQUE-SE UM**  
VESICATORIO SEM SE TER O  
**VESICATORIO DE ALBESPEYRES**

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS  
Exija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE  
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub<sup>o</sup> St-Denis, PARIS  
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS.

céo; elle, com os olhos fitos em mim, a rir sem dentes, o riso sinistro que annuncia a caveira.

Chegámos á fala. Crescia a minha surpresa eu não comprehendia aquelle encontro do passado e do futuro; da mocidade perenne e da velhice que acaba...

— Eu o conheço, disse-me elle.

— Não sei... parece-me que tambem o conheço.

— Estivemos em uma festa em Villa Nova.

— Foi...

— Dançamos juntos.

— Dançamos... — E sem querer, sem saber, apontei para a menina...

— E' minha neta.

— Sua neta?!

— Filha da menina, que lá esteve.

A menina, por me ver triste e affligido olhou para mim agradecida: tinha então um riso de anjo, riso que vem antes das lagrimas do martyrio.

— E sua filha? perguntei.

— E' morta! disse, e a fronte-pendeo acabrunhada por uma coroa de espinho. Que amarga recordação deixa o prazer!

Eu já vi uma saudade, de cuja corola sabia outra saudade: uma flor que rebentara do seio de outra flor: Isto só pode acontecer á saudade.

### III

Eis os contrastes do mundo: rimo-nos das dores que acalaram; — choramos pelos prazeres que perdemos: não ha nada melhor que a convalescença de uma molestia mortal; não ha nada peor do que cabir das nuvens.

Olhei para o pobre velho: atravez dos olhos humidos e mortos, como quando o sol a pino vae até ao fundo de um abysmo, eu vi lá no negrume da tristeza paternal, a pombinha branca das lembranças d'alma, chorando sosinha no leito das rosas seccas da mocidade extincta, na arcação do espinheiro curvado. O

ninho era o colar; a pombinha era a netinha; o retrato vivo da filha morta; a cigarra que sahio da cigarra, e que elle hade tantas vezes abraçar sobre o peito soluçante na hora da reza...

Da reza?

Sim, porque si não fosse a crença de algum dia abraçarmos os nossos filhos que lá foram, quem acreditaria no céo que ali está defronte de nós?...

J. DE MORAES SILVA.

## ECONOMIA DOMESTICA

### As velas

As velas, quando estão fóra do seu envolvero, sujamo-se muito depressa, principalmente no verão, com a simples acção do ar e da poeira. Mesmo as moças não concorrem pouco para manchal-as.

D'ahi a necessidade de limpal-as frequentemente. Mas como?

O meio é simples e consiste em laval-as com uma agua ligeira, de sabão, que tira as manchas, enxu-

gando-as depois com um panno secco. Por este processo ellas readquirem o brilho primitivo.

Convem nunca molhar muito e só empregar a agua fria.

### As pestanas

Paras serem bellas, para bem proteger o olhar, as pestanas devem ser longas e espessas. Nestas condições ameigam muito o olhar.

Assegura-se que a pomada trikogenea é excellente para fazel-as crescer. Algumas mulheres fazem cortar a extremidade de suas pestanas por um pratico, para lhes dar espessura e comprimento.

Convem não esfregar os olhos. Este costume, mau por mais de uma razão, occasiona a queda das pestanas.

Não é igualmente de bom aviso ennegrecel-as, apesar da sejução que a tinta carregada lhes pode emprestar. Qualquer ingrediente perto deste orgão precioso, á vista, é duas vezes perigoso.

## BIBLIOGRAPHIA

Fomos mimoscados com o n. 2 d'A *Luçerna*, um periodico litterario de publicação quinzenal, nitidamente impresso. Redige-o um grupo de rapazes trabalhadores, animados todos do sagrado desejo de concorrer na medida de suas forças para o bom nome da nossa litteratura.

Qualquer que seja o merito da nova revista, só temos que applaudir os esforços destes moços que não recuam deante das difficuldades e principalmente da indifferença característica do nosso publico.

Teremos o maximo prazer em receber sempre a visita do novo collega, tão digno de apreço pelo muito que temos a esperar d'elle.

Repetimos no caso a velha chapa ingleza: *Amay!*

## MOSAICO

A um nosso distinctissimo collaborador:

— Sr. M. pedimos-lhe alguma coisa para *A Estação*.

O Sr. M.:

— Para a estação um sorvete, meu caro senhor.

Conta-se que o grande Buffin não escrevia sem punhos de reneta, muito engomados.

D'ahi a precisão do seu estylo e o brilhantismo da forma de seus livros.

Ultimamente em Sião appareceu tão grande praga de gafanhotos que formavam verdadeiras nuvens no espaço.

Os filhos da terra attribuem o facto a um castigo do céo.

Em Madagascar as mulheres é que pedem

os homens em casamento. Cá por casa muita gente, ao saber disto, resolveu mudar-se para lá.



O poder do forte sobre o fraco é materialmente limitado.

A idéa de um Ser Supremo, credor de todas as coisas é intuitiva no animal humano.

Seja licito a cada um o livre uso dos seus direitos naturaes, regulando-se a extensão desse uso de maneira a não tolher o equal uso dos outros.

As celebridades são verdadeiras mumias encerradas em sarcophagos do tempo, condemnadas a desaparecer mais tarde ou mais cedo.

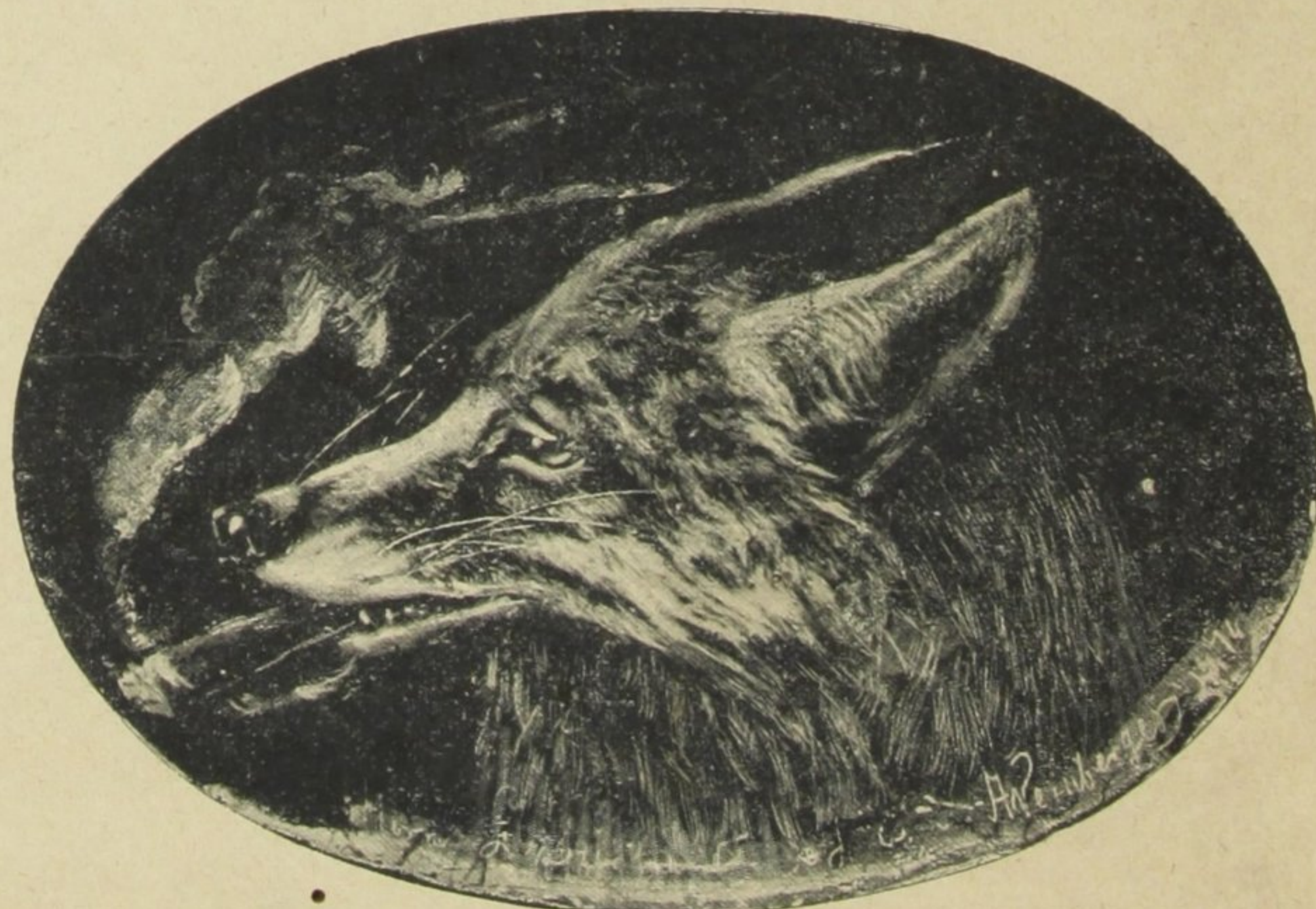
Em um canudo que encerrava uma carta de bacharel em direito, escreveu o seu proprietario a seguinte quadrinha que não deixa de ser muito significativa:

Eis aqui tudo que resta  
De meus cinco annos de estudo;  
Uma carta que não presta  
Mettida neste canudo.

## A cruz da existencia

O berço é o oriente da existencia, e o tumulo é o occidente.

A vida é uma penosa jornada entre estes dous pontos.





ARRUFOS

O destino é como um sol, que surge por de traz do berço e se recolhe por de traz da campã.

Quando o homem se levanta do regaço materno para iniciar a jornada da sua vida, erecto e com os braços abertos, vê diante de si, alongada sobre o caminho que vai percorrer, a sombra do seu corpo projectada pelo sol do seu destino, em forma de uma cruz.

E caminha para ella.

Subindo para o meridiano a dardejear sobre elle os seus cruciantes raios, o sol do destino vai pouco a pouco levantando essa cruz até pregal-o n'ella.

O meio-dia da existencia é o cimo do Calvario.

Do alto do seu crucifício estende, então, o homem a vista da esperanza para o occidente da sua vida, onde o tumulo se lhe afigura um leito de repouso

O sol do destino começa então a descambar para o occaso.

A proporção que desce, vai despregando o homem da sua cruz, que desce sobre as suas pegas, adelgaçando-a e esfumando-a até eliminá-la.

E ao approximar-se do tumulo por de traz do qual tem de sumir-se, despede-se do homem dourando-lhe

os ultimos passos com o suavissimo crepusculo da resignação e da fé.

VICTOR ANTONIO VIEIRA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

Offerecemos hoje ás nossas leitoras tres lindissimos estudos, cuja descripção estamos desobrigados de fazer, tão simples e tão mimosas são ellas.

Um é uma paisagem e encanta pela verdade do desenho; o outro é o retrato do celebre Van-Dyk, o grande pintor flamengo, e o terceiro uma bonita cabeça de lobo.

O seu auctor é o distincto artista Adeinberger.

### Arrufos

O amor, felizmente, não é privilegio de quem quer que seja.

Se assim não fosse estes dois fortes e sadios filhos do povo não estariam, como o representa a nossa gravura tão entretidos em uma prosa que, com certeza, lhes absorve toda a attenção.

Ella está zangada, tanto que virou o rosto. Elle, sorridente, acha uma graça enorme nos arrufos da escolhida do seu coração e procura fazer as pazes que ella na occasião está muito disposta a não aceitar, sob condição alguma.

Está zangada deveras; mas elle é tão bom, tão meigo; suas palavras são tão doces que somos muito capazes de garantir que meia hora depois já tinham sellado a reconciliação com um beijo, um destes beijos que só sabem trocar os namorados.

O amor é o mesmo, quer tenha por scenario um rico salão dourado, quer as quatro rudes paredes de uma habitação humilde, como a que abriga os dois.

Elle é um marujo, um intrepido homem do mar que, muitas vezes, alta noite, em pleno oceano, fitando a vastidão do salso elemento, deixava a sua alma simples e pura, atravessar o espaço, nas azas da phantasia, até chegar a ella, para depositar-lhe aos pés todo aquelle poema de amor que elle confiava á solidão do espaço, nas horas mortas da noite.

Um amor assim póde ter menos melindres, mas tem muito mais verdade, fique certa a leitora que nos dá a honra de lêr estas linhas.

EXPOSITION UNIV<sup>le</sup> 1878  
Médaille d'Or Croix de Chevalier

MEMBRO do JURY — FORA de CONCURSO  
EXPOSITION UNIVERSELLE 1889

**BOUQUET CHOISI**  
Novo Perfume para o Lenço

DE  
**E. COUDRAY**

Artigos Recommendados:  
**PERFUMARIA de LACTEINA**  
Recommendada pelas Celebridades Medicas.

PÓS de ARROZ varios.  
AGUA DIVINA, dita Agua de Saude

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA  
PARIS - 13, Rue d'Enghien, 13 - PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias  
e Cabellereiros da America.

Muitas coisas me faltam, diga V. Ex. para tornar-me  
**JOVEN E BELLA**

Porque não as pede a **PERFUMERIE EXOTIQUE**,  
rue du Quatre Septembre, 55, em PARIS?  
Si o fizer, hade ficar necessariamente encantada, maravilhada com os resultados.

**A Brise Exotique** (em agua ou em creme) restituirá a V. Ex. a sua decima sexta primavera, defendendo-a, ao mesmo tempo, contra as rugas; seu pó de arroz

**Fleur de Pêche** dará á epiderme uma alvura transparente, fazendo voltar o roseo colorido de outros tempos; seu

**Anti-Bolbos** extirpará sem deixar traços, os cravos ou pontos negros que formigam no nariz; seu

**Sourcilium** engrossará, alongará e tornará a colorir as pestanas e os supercilios;

**A pate des Prélais** destruirá durante o inverno as frieiras e asperezas, e em qualquer estação tornam a mão macia e bem contornada, com as veias levemente azuladas como outr'ora. Esta transformação effectuar-se-ha, muito naturalmente, sem o minimo artificialio. O catalogo da **PARFUMERIE EXOTIQUE** será enviado com a brochura *Uma origem desvendada* a todos quantos o pedirem.

Faire pousser ou repousser  
**LES CHEVEUX**

é o estudo aturado e continuo de muitos chimicos. Ha entretanto, remedio contra a calvice. Não convém pedil-o á perfumaria mundana; é necessario procural-o em casa dos RR. PP. Benedictinos do Monte Majella, que andam sempre em busca das plantas salutaes que podem ser uteis á humanidade.

O **EXTRAIT CAPILLAIRE DES RR. PP. BENEDICTINS DU MONT-MAJELLA** fortifica a cabelleira, faz o cabelo nascer com todo o vigor, detem-lhe a queda e retarda o embranquecimento.

A tratar com o administrador **E. SENET, 35, RUE DU 4 SEPTEMBRE, EM PARIS.**

**L. T. PIVER em PARIS**  
NOVA PERFUMARIA Extra-fina

**CORYLOPSIS DO JAPÃO**

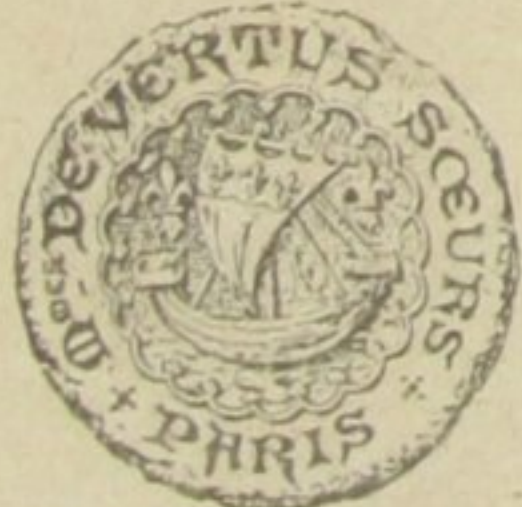
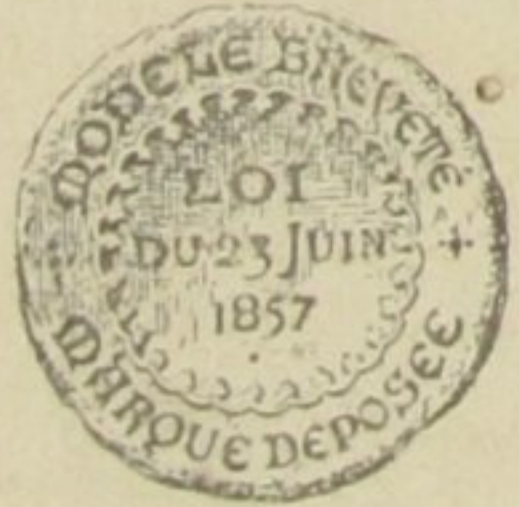
SABÃO ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
EXTRACTO ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
AGUA-TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
LOTION ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO

PÓ de ARROZ ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
BRILHANTINA ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
OLEO ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
POMADA ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO

日本薬水

**M<sup>mes</sup> DE VERTUS SŒURS**  
de PARIS  
12, Rue Auber, 12

desejando pôr termo á contrefacção detestavel, tanto pela forma como pelos aviamentos empregados, tem a honra de prevenir a sua clientela que os "Verdadeiros espartilhos" sahindo realmente da Casa de **VERTUS SŒURS**, levarão a datar de 1892, uma medalha presa do espartilho por uma fita vermelha tendo impressa a *Marca da Casa*.

Esta marca é depositada em França e no Brazil e toda a contrefacção será perseguida conforme á lei.

**DELETTREZ**  
EM PARIS  
INVENTOR DA NOVA  
**PERFUMARIA**  
extra-fina  
DE  
**AMARYLLIS**  
DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete. .... de AMARYLLIS DU JAPON  
Pó de Arroz. .... de AMARYLLIS DU JAPON  
Essencia. .... de AMARYLLIS DU JAPON  
Agua de Toucador. de AMARYLLIS DU JAPON  
Vinagre de Toucador de AMARYLLIS DU JAPON  
Oleo para os Cabellos de AMARYLLIS DU JAPON  
Brilhantina. .... de AMARYLLIS DU JAPON

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

**T. JONES**  
Fabricante  
de Perfumaria Inglesa extra-fina

**VICTORIA ESSENCIA**  
O mais delicioso perfume do Mundo.  
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

**FLUIDE IATIF**  
Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel.  
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Ba-ta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos beiços.

**LA JUVENILE**  
Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel  
Pó sem mistura alguma chimica, adherente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.  
Preparado especialmente para ser empregado com o fluido iatif.

**LAIT IATIF, chamado LILY WASH**  
para embellezar a tez.  
Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor recelo, no rosto, nos braços e nas espaldas.

**CREAM IATIF**  
Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

**AGUA DE TOUCADOR JONES**  
Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

**ELIXIR E PASTA SAMOHTI**  
Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS  
Depositos em todas as principaes Perfumarias.